

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000.— Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIEVS N. 7

SUMMARIO

FONTOURA XAVIER	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
POEMA DA CARNE.	Cunha Mendes.
HISTORIA COMMUN	Machado de Assis.
TEMPERAMENTO	Alfredo de Magalhães.
A VISITA	R.
BILHETE AZUL.	Pethion de Villar.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
NA ENTREVISTA.	Antonio Lima.
THEATROS.	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

JOÃO ROSA

FONTOURA XAVIER

Antonio da Fontoura Xavier nasceu na cidade de Cachoeira, no Rio Grande do Sul, aos 7 de Junho de 1856. E' filho legitimo de Gaspar Xavier da Silva e de D. Clarinda da Fontoura Xavier.

Tem «sangue azul» por parte de sua mãe, cuja arvore genealogica está registrada, com as respectivas armas, na Bibliotheca Nacional de Lisboa, sob n. 377, num manuscripto da collecção pombalina.

Em 1870, Fontoura Xavier veio para esta capital fazer os seus estudos secundarios no collegio do illustre barão de Tautphœus, ex-collegio Marinho. Concluiu-os em 1874, anno em que se matriculou na Escola Central, hoje Polytechnica. Em 1876 resolveu abandonar esse curso, para seguir o de Direito, em S. Paulo, aonde se dirigio naquelle mesmo anno.

Mas como o clima de S. Paulo fosse prejudicial á sua saude, interrompeu os estudos e voltou em 1877, trazendo fama de máo estudante e bom poeta. Aqui, entregou-se de corpo e alma ás letras, collaboreando no *Reporter*, na *Gazeta de Noticias*, no

Jornal do Commercio, no *Diario do Rio de Janeiro*, na *Revista do Rio de Janeiro*, na *Comedia Popular*, no *Mequetrefe*, na *Revista Illustrada*, no *Bezouro* e no *Figaro*, fundando depois, em companhia de Annibal Falcão e Arthur Azevedo, a famosa *Gazetinha*.

Em 1881 voltou de novo a S. Paulo, para recommear o seu curso de Direito, mas de novo regressou com a saude alterada. Tentou formar-se em Pernambuco, e para lá partio, mas ahi o clima não lhe foi mais favoravel que em S. Paulo.

Voltou então, definitivamente, para a sua provincia natal em 1882. Um bacharel de menos...

*

Em Porto-Alegre, ligado a Assis Brasil, Barros Cassal, Venancio Ayres, Ramiro Barcellos, Julio de Castilhos, Demetrio Ribeiro, Antão de Faria e outros, Fontoura Xavier dirigio a *Federação*, o melhor jornal de propaganda republicana do Brasil; quer na imprensa, quer na tribuna das conferencias, o seu nome era encontrado entre os primeiros.

Mas em politica, o nosso biographado, digamol-o, nunca passou do terreno do diletantismo; fazia a propaganda republicana como fazia as suas *estudantadas*, uma das quaes se tornou celebre e foi, annos depois, lembrada pela propria victima em plena Camara dos Deputados.

Machado de Assis escreveu que elle abraçara uma ideia politica para ter pretexto para os seus versos socialistas, e Urbano Duarte, que não toma a serio a politica em verso, disse que, no actual regimen, Fontoura, em vez de escrever o *Regio saltimbanco*, teria escripto os *Saltimbancos da Republica*.

Esse poemeto do *Regio Saltimbanco* foi publicado em 1877, com uma carta de Lopes Trovão, e fez escandalo. A edição está completamente esgotada.

Esgotou-se tambem a edição das *Opalas*, volume em que os editores Carlos Pinto & C^a, de Porto-Alegre, reuniram, em 1884, algumas das melhores poesias de Fontoura Xavier.

Os seus versos são correctos, masculos, vibrantes, sem nenhum sensualismo, sem nenhuma pieguice erotica, porque, diz elle,

o cantar e collo nú da amante
Não diz co'a evolução de um seculo gigante.

O apparecimento das *Opalas* foi saudado por Luiz Delphino com este bello soneto:

Poeta, és como Encelado cahido
De céu, sob as montanhas fulminado !...
Retine o ferro ás mãos do condemnado;
Ouve-se o canto do metal batido.

Movem-se os montes; o Titan, ferido,
E' sobre a terra e sobre o mar lançado...
Na sombra, esse phantasma do passado
Entalha o pé de sangue humedecido !...

E' uma velha esqualida e devassa
A geração que a nossos olhos passa,
Amamentada aos seios de uma escrava ;

Para levar essa carcassa á cova,
Quer-se que beba a geração mais nova
Em vulcões, como tu, nadando em lava !...

E' pena que no volume das *Opalas* não figurassem os *trioletts* que o nosso poeta compoz ás centenas. Essa fórma phantasiada do verso, muito em voga em França no seculo XVI e resuscitada por Theodoro de Banville, foi acclimada na nossa lingua por Fontoura Xavier, e tão grande effeito produziram os seus *trioletts*, que por muitos annos o genero foi adoptado nas satyras brasileiras, inclusive pelos terriveis e inqualificaveis versejadores dos apedidos.

Os *trioletts* de Fontoura Xavier foram pelo proprio autor condemnados, por serem, na sua maioria, satyras pessoaes. Talvez algum dia reappareçam.

Reproduzo aqui um dos *trioletts* predilectos do nosso poeta :

IXORA

Depois de cheiral-o beni,
Um fabricante opinou :
Não ha no mundo ninguem,
Depois de cheiral-o bem,
Que creia existir alguém
Que vença nisto o Pinaud ;
Depois de cheirar Lubin,
Um fabricante, o Pinaud.

*

Depois que se atirou á carreira consular, Fontoura Xavier pouco tem apparecido na imprensa. Sei, entretanto, que os incansaveis editores Magalhães & C^a. estão reunindo em volume os seus versos ineditos, sob este titulo : *Estrophes*.

*

Fontoura Xavier foi em 1885 nomeado consul privativo do Brasil em Baltimore; em 1891 removido, com a mesma categoria, para o Porto; no

anno seguinte promovido a consul geral de 2^a classe na Suissa, e ultimamente a consul geral de primeira classe na Republica Argentina. Essas rapidas promoções fallam bem alto em favor dos seus meritos como funcionario.

*

Que mais direi? E' um rapaz elegante, que viajou e não suppoz apenas que viajasse, como certo personagem de Dumas filho, e é casado com uma gentilissima brasileira, muito instruida, verdadeira esposa de diplomata.

Quanto aos dotes moraes, nada digo, porque sou suspeito : Fontoura Xavier é um dos meus melhores amigos desde os felizes tempos em que eramos *bohemios* e não tomavamos a serio esta vida... no que talvez tivéssemos rasão.

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

Correu ha dias com muita insistencia que certo empregado do Correio, abrindo uma mala de São Paulo, sentio logo os symptomas do cholera-morbus, e foi, com a presteza possivel, remetido para o hospital da Jurujuba.

A noticia espalhou-se com uma rapidez incrível; os fluminenses, que são muito impressionaveis, deixaram-se apoderar de verdadeiro panico, e todos se pozeram de pé atraz com as epistolas de S. Paulo (sem *calembour*).

Felizmente não foi cholera-morbus o que teve o empregado do Correio, nem consta que até agora esteja provada a existencia d'essa terrivel molestia no Rio de Janeiro.

Em todo caso, se o flagello apparecer por ahi, o que Deus não permita, não percamos a cabeça, não nos desorientemos ! Lembremo-nos todos de que, na maior parte dos casos, o cholera não passa de um *ca ... ço*, palavra que é synonyma de medo e que eu não posso escrever aqui com todas as letras.

*

Agora, ahi vae um pequenissimo conto arabe, que eu recommendo á meditação dos meus leitores:

«Um dia a Peste vinha da India, e encontrou no caminho um pobre derviche que lhe perguntou:

— Aonde vaes ?

— Ao Occidente.

— Que vaes lá fazer ?

— Matar.

— Matar porque?... que mal te fez essa gente ?...

— Nenhum; eu mato porque o meu destino é matar.

— De quantas pessoas pretendes dar cabo durante esta viagem ?

— De um milhão.
 — Pois bem, eu supplico-te que te contentes com a metade, e ja terás cumprido a tua missão.
 — Derviche, pedes com tão bom modo, que eu prometto fazer-te a vontade.

E a Peste veio para o Occidente.

Na volta, o derviche foi ao seu encontro, e disse-lhe cheio de desgosto:

— Ora muito obrigado ! Prometteste matar quinhentas mil pessoas, e eu soube que mataste um milhão e duzentas mil !

— Enganas-te; eu só matei as que prometti matar. As outras morreram... de medo.»

*

Emquanto não apparece o cholera — e não apparecerá, Deus me ouça e o Diabo seja surdo —, deliciemo-nos com as *Chronicas livres* cuja publicação Olavo Bilac encetou na *Gazeta de Noticias*.

O illustre poeta trocou a *Cidade do Rio* pela visinha da esquerda, e eu não tive pena porque — francamente — a politica e elle não foram feitos um para o outro. Prefiro-o alli, porque alli o acho mais á vontade, mais alegre, mais espontaneo, embora escrevendo terriveis e engraçados paradoxos como aquelle de que são tão respeitaveis os nossos vicios como as nossas virtudes.

Emfim, como La Rochefoucauld já disse que as nossas virtudes muitas vezes são vicios disfarçados...

*

Entre as nossas virtudes — quando aqui digo *nossas*, fallo como povo — devia estar um pouco mais de consideração e respeito pela liberdade... dos outros.

O Jury esteve um ror de dias em sessões preparatorias, sem conseguir reunir-se.

E' verdade que o local não convida, e é um verdadeiro sacrificio exercer alli as funções de juiz de facto, — mas os cidadãos sorteados deveriam collocar o seu dever acima do seu conforto, e lembrar-se dos infelizes que se acham privados da liberdade, á espera de julgamento.

Essa questão do Jury é uma questão muito grave, para a qual os poderes publicos não olham com a devida attenção.

*

E a Paz ?

Dão-me noticias d'ella ?

Homem, o melhor é deixal-a... em paz.

A.

O *Album* acaba de receber dous livros de versos, um do Norte e outro do Sul.

O do Norte veio do Ceará, intitula-se *Phantos* e está assignado pelo Sr. Lopes Filho; o do Sul veio de Minas, intitula-se *Pallidas* e está assignado pelo Sr. Dr. Fernando de Alencar.

No proximo numero um dos nossos collaboradores dirá alguma coisa a respeito d'esses deus livros.

POEMA DA CARNE

A ARTHUR AZEVEDO

IX

Quando só, triste e só, que sinistros francelhos
 De dor e de amargura o coração carcomem !
 Sinto que vão por terra os meus esforços de homem
 E dobro em magua e dobro em desalento os joelhos !

Como fragmentos, flor, de brunidos espelhos
 Essas tristezas más que o espirito consomem,
 Retratam meu passado e porque mais me domem
 Trazem recordações dos teus labios vermelhos.

Eu recordo amoroso as paginas d'outr'ora...
 O' magoa infinda, ó magoa eterna, ó magoa intensa,
 Esta que me tortura e bruta me devora...

Cadaveres de sonho, utopia e illusão...
 Esqueletos fataes. . . mumias, em paz immensa,
 Bambaleiam no horror do enfermo coração...

X

Amor ! Escarneo atroz ás doces e magoadas,
 Vivas aspirações de minh'alma em delirio :
 Ah, se houvesse na terra um dedicado lyrio,
 Uma visão radial de carnes não manchadas,

Que me sondasse o peito e as lutas provocadas
 Por um suave ideal que é meu lento martyrio :
 Ideal de amar o amor santissimo no empyreo
 Corpo, sereno e angil, de fórmulas delicadas ..

Esta partilharia o meu sinistro luto
 Que me parece immenso e aos outros ser tão pouco,
 Emquanto sinto, mais feroz, o tedio bruto !

Esta partilharia a dor de que blasphemo :
 E jamais eu vagára, infeliz como um louco,
 D'esta extrema descrença ao desespero extremo !

CUNHA MENDES.

S. Paulo.

HISTORIA COMMUM

... Cahi na copa do chapéo de um homem que passava... Perdoem-me este começo; é um modo de ser épico. Entro em plena acção. Já o leitor sabe que cahi, e cahi na copa do chapéo de um hamem que passava; resta dizer donde cahi e porque cahi.

Quanto á minha qualidade de alfinete, não é preciso insistir nella. Sou um simples alfinete villão, modesto, não alfinete de adorno, mas de uzo, d'esses com que as mulheres do povo pregam os lenços de chita, e as damas de sociedade os *fichús*, ou as flores, ou isto, ou aquillo. Apparentemente vale pouco um alfinete; mas, na realidade, póde exceder ao

proprio vestido. Não exemplifico; o papel é pouco, não ha senão o espaço de contar a minha aventura.

Tinha-me comprado uma triste mucama. O dono do armario vendeu-me, com mais onze irmãos, uma duzia, por não sei quantos réis; coisa de nada. Que destino! Uma triste mucama! Felicidade, — este é o seu nome, — pegou no papel em que estavamos pregados, e mettu-o no bahu. Não sei quanto tempo alli estive; sahi um dia de manhan para pregar o lenço de chita que a mucama trazia ao pescoço. Como o lenço era novo, não fiquei grandemente desconsolado. E depois a mucama era assejada e estimada, vivia nos quartos das moças, era confidente dos seus namoros e arrufos; emfim, não era um destino principesco, mas tambem não era um destino ignobil.

Entre o peito da Felicidade e o recanto de uma mesa velha, que ella tinha na alcova, gastei uns cinco ou seis dias. De noite, era despregado e mettido numa caixinha de papelão, ao canto da mesa; de manhan ia da caixinha ao lenço. Monotono, é verdade; mas a vida dos alfinetes não é outra. Na vespera do dia em que se deu a minha aventura, ouvi fallar de um baile no dia seguinte, em casa de um desembargador que fazia annos. As senhoras preparavam-se com esmero e affinco, cuidavam das rendas, sedas, luvas, flores, brilhantes, leques, sapatos; não se pensava em outra coisa se não no baile do desembargador. Bem quizera eu saber o que era um baile, e ir a elle; mas uma tal ambição podia nascer na cabeça de um alfinete, que não sahia do lenço de uma triste mucama? — Certamente que não. O remedio era ficar em casa.

— Felicidade, diziam as moças, á noite, no quarto, dá cá o vestido. Felicidade, aperta o vestido. Felicidade, onde estão as outras meias?

— Que meias, nhanhan?

— As que estavam na cadeira. . .

— Uê! nhanhan! Estão aqui mesmo.

E a Felicidade iade um lado para outro, solicita, obediente, meiga, sorrindo a todas, abotoando uma, puxando as saias de outra, compondo a cauda d'esta, concertando o diadema d'aquella, tudo com um amor de mãe, tão feliz como se fossem suas filhas. E eu vendo tudo. O que me mettia inveja eram os outros alfinetes. Quando os via ir da bocca da mucama, que os tirava da *toilette*, para o corpo das moças, dizia commigo que era bom ser alfinete de damas, e damas bonitas que iam a festas.

— Meninas, são horas!

— Lá vou, mamãe! disseram todas.

E foram, uma a uma, primeiro a mais velha, depois a mais moça, depois a do meio. Esta, por nome Clarinha, ficou arranjando uma rosa no peito, uma linda rosa; pregou-a e sorriu para a mucama.

— Hum! hum! resmungou esta. Seu Florencio hoje fica de queixo cahido.

Clarinha olhou para o espelho, e repetio comsigo a prophécia da mucama. Digo isto, não só porque me pareceu vel-o no sorriso da moça, como porque

ella voltou-se pouco depois para a mucama, e respondeu sorrindo: — Póde ser.

— Póde ser? Vae ficar mesmo.

— Clarinha, só se espera por você.

— Prompta, mamãe!

Tinha prendido a rosa, ás pressas, e sahio. Na sala estava a familia, dous carros á porta; desceram emfim, e a Felicidade com ellas, até a porta da rua. Clarinha foi com a mãe no segundo carro; no primeiro foi o pae com as outras duas filhas. Clarinha calçava as luvas, a mãe dizia que era tarde; entraram; mas, ao entrar, cahio a rosa do peito da moça. Consternação d'esta; teima da mãe que era tarde, que não valia a pena gastar tempo em pregar a rosa outra vez. Mas Clarinha pedia que se demorasse um instante, um instante só, e diria á mucama que fosse buscar um alfinete.

— Não é preciso. sinhá; aqui está um.

Um era eu. Que alegria a de Clarinha! Com que alvoroço me tomou entre os dedinhos, e me mettu entre os dentes, emquanto descalçava as luvas. Descalçou-as; pregou commigo a rosa, e o carro partio. Lá me vou no peito de uma linda moça, prendendo uma bella rosa, com destino ao baile de um desembargador! Façam-me o favor de dizer se Bonaparte teve mais rapida ascensão. Não ha dous minutos toda a minha prosperidade era o lenço pobre de uma pobre mucama. Agora, peito de moça bonita, vestido de seda, carro, baile, lacaio que abre a portinhola, cavalheiro que dá o braço á moça, que a leva escada acima, uma escada forrada de tapetes, lavada de luzes, aromada de flores. . . Ah! emfim! eis-me no meu logar.

Estamos na terceira valsa. O par de Clarinha é o Dr. Florencio, um rapaz bonito, bigode negro, que a aperta muito e anda á roda como um louco. Acabada a valsa, fomos passear os tres, elle murmurando-lhe coisas meigas, ella arfando de cansaço e commoção, e eu fixo, teso, orgulhoso. Seguimos para a janella. O Dr. Florencio declarou que era tempo de autorisal-o a pedil-a.

— Não se vexa; não é preciso que me diga nada; basta que me aperte a mão.

Clarinha apertou-lhe a mão; elle levou-a á bocca e beijou-a; ella olhou assustada para dentro.

— Ninguem vê; continuou o Dr. Florencio; amanha mesmo escreverei a seu pae.

Conversaram ainda uns dez minutos, suspirando coisas deliciosas, com as mãos presas. O coração d'ella batia! Eu, que lhe ficava em cima, é que sentia as pancadas do pobre coração. Pudera! Noiva entre duas valsas! Afinal, como era mister voltar á sala, elle pedio-lhe um penhor, a rosa que trazia ao peito.

— Tome.

E despregando a rosa, deu-a ao namorado, atirando-me, com a maior a indiferença, á rua. . . Cahio na copa do chapéo de um homem que passava e. . .



Phototypia J. Gutierrez.

FONTOURA XAVIER

TEMPERAMENTOS

Ainda me sangra n'alma a ardente chaga
Que teu amor me fez, — futil capricho —
Voluvel e traiçoeiro como a vaga
Que por sob a alva espuma esconde o lixo.

E eu, cego, nelle a maxima confiança
Do sonho o tabernaculo erigira
Na suprema hysteria da esperança,
E prostrei-me á Mentira.

Ditoso, d'esse amor que me alentava,
Minha unica ambição, louco, fizera,
Sinistro o olhar assim no arabe crava
D'entre a matta a famelica panthera.

Era uma verdadeira idolatria ;
Fatal adoração indefinida
Em que estatico todo me absorvia :
Minha luz, minha vida.

E impudente, buscando novos laços,
Da infamia a gargantilha encantadora
A outro estendes, sorrindo, os niveos braços,
Nem que um factio vulgar isso não fôra.

A gamma da volupia requintada,
Do que Pan, mais lascivos, percorremos,
Eu, paixão, nervos, tu, carne excitada :
Tocavam-se os extremos.

E a saciedade veio de mansinho
E toda te invadio, te foi vencendo,
Assim o incauto o capitoso vinho
Que aos poucos vae bebendo, vae bebendo.

De então, o inevitavel rompimento;
Livro lido, puzeste-me de lado,
Que te impelle o sensual temperamento
A buscar o ignorado.

E eu que sempre te quiz, e eu que, sincero,
A alma a teus pés depuz, embevecido,
A esta magoa, e esquecel-a é em vão que o quero,
Como que sinto o coração partido.

Mas, soubesse eu embora o desenlace
Que me aguardava, estranha creatura,
Soubesse-o, e ainda talvez mais te adorasse
Na obsessão da ventura

ALFREDO DE MAGALHÃES.

A VISITA

O POETA, despertando ao primeiro rumor do dia. — A aurora canta pela voz dos primeiros pas-saros e dos primeiros ninhos despertos. O sol vibra uma cantiga de ouro e perolas na minha alcova... (Deixando o leito.) Levanto-me... (Sentando-se á mesa de trabalho.) Faço versos, burilo phrases para occultar aos que me rodeiam a grande alegria de que estou possuido. (Deixando de escrever.)

Parece que tenho um céu dentro d'alma; parece que tenho aves e ninhos a cantar estranhas musicas dentro do meu coração !... (Curvando-se sobre a escripta.) Trabalho, não para esquecel-a, o que não poderei fazer jamais, mas para esperar sereno o seu riso, como quem espera a luz de uma alvorada depois de uma noite profundamente negra e sem astros... (Detendo-se de novo.) E ella vem ver-me esta tarde; vem trazer um pouco de luz á minha saudade dorida, um pouco de sol á minha tristeza infinita... (Olhando para o relógio.) E a hora aproxima-se... (Ouvindo.) Soam duas horas... (Erguendo-se e indo escutar á porta.) Alguem sobe a escada. (Rindo.) E' ella, conheço a musica dos seus leves passos ! (Vendo-a entrar.) Entra !

Olhamo-nos. Que mundo de promessas naquelle olhar, que alegria a palpar-lhe no labio tremulo !... Traja de branco ... parece-me assim uma pomba fugida de um pombal celeste. (Ouvindo-lhe a voz.) Falla !... a sua voz parece afinada pelo canto dos violinos doces, pelas cytharas encantadas de um paraizo estranho e invisivel ! (Continuando a ouvir-a.) Falla, sempre, falla com certo receio... A sua voz agora trae o som produzido por um punhado de moedas de ouro atiradas n'um prato de crystal finissimo... (Com um sorriso.) De vez em quando fita-me... Os seus olhares encontram sempre os meus, ousados, insaciaveis do seu riso. (Pensando.) Bella ?... (Com arroubo.) Para os outros não sei, mas para mim infinitamente bella e infinitamente graciosa, vestida assim de branco, como as santas de um altar de egreja, como as commungantes purrissimas num domingo de Ressurreição. festivo e alegre. (Acompanhando-a com o olhar, seguindo-lhe os gestos.) Ergueu-se agora; dá uns passos na sala, agitando os braços alvos e roliços, onde tilintam uns braceletes de ouro, certamente menos preciosos que o metal do seu riso, que o ouro da sua phrase !...

Magoa que me dilaceraste o peito durante o dia de hontem !... Pesar que me subjugaste um mez inteiro, desafio-vos a que me subjugueis de novo !... (Como dentro de um sonho.) A minh'alma está aberta para o seu riso como uma janella de par em par para os risos da alvorada !... (Passeiando o olhar em volta.) Mas, olham-me curiosos... Murmuram de mim, talvez... d'ella tambem, quem sabe ?... (Approximando-se.) Approximo-me, fallo-lhe em versos... (Satisfeito.) Ella adora os versos... E eu que os faço tão bem, que procuro burlal-os como um ourives de gosto burila joias de valor... (Recitando.) E insensivelmente vem-me aos labios este sublime tercetto do Bilac :

E enquanto eu ardo em sua luz, enquanto
Em seu fulgor me abraço, uma sereia
Soluce e cante nessa voz tranquilla !

(Dando-lhe uma flor.) Ah ! como são ousados os que amam, como são ousados !... Offereço-lhe o

meu primeiro pensamento, o meu primeiro protesto na corolla humida de uma flor... E' a primeira que lhe entrego... (*Reparando.*) Sorrindo, colloca-a do lado esquerdo do peito, sobre o coração infantil... Agradeço com um sorriso que diz um mundo de promettimentos... (*A' flor.*) Pallida flor, que feliz destino o teu! Morrer, estiolar-se sobre um seio virgem após surpreender-lhe todas as doces palpitações de amor, é um bem que não é dado a todas as flores da terra!... Como és feliz, pallida flor gentil, tantas vezes aspirada por mim!... (*Falando-lhe, olhando-a de perto, emquanto a visita fita-o e surprehende-o a rir para ella.*) E tremulo, tremulo, fitando-a — *bravea e leve* — sinto que sou o mais feliz dos homens, o mais adorado dos poetas! (*Indo até a janella e fallando á paisagem.*) Primavera! traze-me as rosas mais rubras dos prados e os cravos mais brancos dos jardins vistosos!... (*Ao sol.*) E tu, sol radiante e feliz, que tens o halito das flores e as doces canções das leiras, dá-me a tua luz clara e sonora! (*Sentando-se a escrever.*) Quero tecer-lhe agora um poema de luxo... (*Mas fitando-a ainda uma vez.*) Como ella me olha! (*Com amor, com exaltação.*) Mas, como eu a adoro!

R.

BILHETE AZUL

TO ELLEN

Ai! no teu labio morno, esse labio tão doce,
Onde o meu verso vae, ruflando azas, poisar,
Se, em vez da aza de um verso, a aza de um labio fosse,
Que epopeias de amor lhe ensinára a cantar!

Das linhas virginaes de teu busto que poema
Não faria saltar! Que limpido gorgeio
Do bico de teu pé! Que inspiração suprema
Haurira, borbulhando á tona do teu seio!

Era num collo assim, puro e alvo como o teu,
Que eu sonhára aninhar a frente e adormecer...
Fitando uma mulher como se fita o céu!

Feliz do homem que um dia abroquelar-te o pejo,
E, no altar de teu labio, extatico, puder
Commungar a hostia exul do teu primeiro beijo!

PETHION DE VILLAR

Bahia.

Recebemos da Exma. Sra. D. Ernestina de Almeida um exemplar de sua linda valsa as *Operarias*, editada pelos Srs. Buschmann & Guimarães.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XII

(Continuação)

Guilherme Tosti foi dos que não quizeram esperar, e sahio da plateia.

Um mão estar crescente apoderava-se d'elle. Freqüentes abalos nervosos conservaram-n'o durante todo o acto numa excitação, como se lhe contrahisse a fronte uma corôa electrisada.

Ainda se ouviam os ruidos freneticos do applauso, quando alcançou o corredor. Precisamente, porém, nesse momento Carrero sahio-lhe ao encontro.

Guilherme guinou, disfarçando com o corpo, com a intenção de não fallar ao promotor da ovação que se preparava a Lucio Herrera.

Carrero deu pelo movimento do conhecido, e, sem attribuir outro intento senão a casualidade ou distracção, tomou do corpo do moço, pousou-lhe as mãos sobre o hombro e, por assim dizer, soldou-o ao corredor.

Tosti disfarçou a perturbação com um gesto incompreensivel e um sorriso de Machiavel.

— Amigo, bem previa eu — esta comedia é para fazer carreira em todos os theatros de Montevideo!

Foram as primeiras palavras de Carrero.

Guilherme sentio-se como que mordido no coração. O despeito carregava-lhe a garra aguda e lancinante. Um tremor de labios accusava a indignação em que se revolvia o espirito do rival de Lucio.

— E' a primeira obra de valor escripta por um compatriota! A primeira e a unica — ainda sustentou o apologista, ignorando que apunhalava o pobre rapaz.

— Não é bom prever de mais! disse então Guilherme sem se poder conter. Quantas vezes no primeiro e no segundo acto ergue-se a grandes alturas uma comedia para em seguida morrer no ultimo?

Carrero mordeu o bigode. Acabava de ler nos intervallos das palavras que ouvira pronunciar, os primeiros symptomas da inveja.

— Em todo o caso posso afiançar que esta comedia terminará por um triumpho. E' uma ideia que tenho. Na minha opinião o primeiro acto é precisamente o que menos vale.

O amigo de Lucio disse intencionalmente esta ultima phrase, cravando no rosto do seu interlocutor um olhar de investigação.

Guilherme empallideceu de subito. Esperava que o valor da comedia decrescesse em cada acto e eis que, ao contrario do seu desejo, augmentava!

O pretendente não se tinha visto, em toda a sua vida, em identica circumstancia, e por isso fraquejou.

Denunciou-se. Apto, destemido e temido em todas as tentativas amorosas, não receiava a rivalidade de Lucio. Tinha bastantes estratégias e sortilegios para ficar senhor do campo.

Ao menos, eram essas as ideias pretenciosas que lhe alimentavam a vaidade. O que, porém, o acobardava, sobremodo, era o exito da peça. Sabia tratar com os homeus, mas ignorava o modo de combater o talento. A' vista de tal exame a que o sujeitára, voltou-lhe Carrero as costas, atirando-lhe um gesto de despedida, que bem se poderia tomar por um gesto de desprezo.

— Veremos quem ha de ser o vencedor! — murmurou Tosti, pondo-se a caminho em direcção ao camarote da familia Blanco.

Carmen recebeu-o como nunca.

— Lucio, provavelmente, estará no theatro. Ha dever-me. E' quanto basta para ferir-lhe, não o coração — pensou ella — porque me não ama, mas o amor-proprio.

— Trago-lhes uma novidade! — principiou Guilherme, aproveitando-se da ausencia de Blanco, que se fôra encontrar com o coronel Herrera.

— Uma novidade? — interrogou Dolores sem desviar a vista da plateia, onde esperava ver o seu novo medico de partido.

— Ou para melhor dizer, trago-lhes duas novidades. Que digo?... tres!

Carmen rio da progressão em que ia a numeração das noticias.

— Ouçamos a primeira — di-se sorrindo, de modo a enlevar o seu denodado pretendente.

— Esta comedia que se dizia trabalho de autor anonymo, como pelo menos apparentaram os cartazes e annuncios, já é conhecida como obra.

— De quem?

— Do doutor Lucio Herrera.

Guilherme deu um passo atraz e estudou o effeito das palavras. Dolores volveu o busto repentinamente, passou a mão pela frente e acariciou o pavilhão do ouvido, como se por ventura lhe chegasse o nome de Lucio pronunciado por uma melodia angelica. Carmen, pelo contrario, apoiou-se á balastrada do camarote. Entorpeceu-lhe o cerebro a expansiva manifestação de sua mãe ao ouvir o nome do doutor.

— E' Lucio o autor? interrogou de novo a moça.

— E' uma boa noticia que lhe dou, não é verdade? — murmurou Guilherme tristemente.

— Engana-se — respondeu Carmen, de modo a não ser ouvida por Dolores; engana-se, essa revelação importuna-me apenas. Preferia que o autor fosse o senhor.

Sem comprehender o verdadeiro sentido d'aquellas palavras, Guilherme Tosti tomou-as como retribuição de amor. A verdade, porém, era que a alegria de Dolores torturava o coração de Carmen como um ferro em braza.

— E se é Lucio o autor, porque não nol-o disse o coronel Herrera?

— Porque o coronel tambem ignora o nome do autor da comedia.

— Como assim?

— Ora, ora, perfeitamente, por hypocrisia. O nome não appareceu nos cartazes; em compensação, repetiram-no por toda a parte, desde o porto até o bairro extremo da União, desde o Cerro até a praia dos Pocitos.

— Esta é a primeira novidade. Podemos ouvir a segunda?

— A segunda é que o Dr. Lucio arvora-se em flagellador da sociedade para descarnar os defeitos das familias. Segundo ouvi dizer a Carrero e a outros que assistiram ao ensaio geral, esta comedia é, no final de contas, uma indirecta tremenda contra habitos da nossa sociedade; é uma allusão mordaz á liberdade demasiada nos usos e costumes das familias de Montevideó.

— E nisso faz elle muito bem! — atalhou Dolores, sem poder prever que o intento de Lucio fôra precisamente o de tomar a familia Blanco para typo da sua comedia.

Guilherme não combateu esta opinião. A pratica havia-lhe suggerido uma verdade: a primeira condição para se fazer querer das matronas é concordar, até mesmo com os absurdos que ellas pronunciem.

— E a terceira? — perguntou por sua vez Carmen para disfarçar a commoção. E a terceira?

— Que para esta peça está preparada uma ovação na plateia, paga a *pezo* de copos de *absintho* e por influencia de Carrero. No *paraizo* estão dispostos vinte e tantos homens para concluir o fogo de artificio dos applausos.

— Expansões de patriotismo.

— Patriotismo ou não, o que lhes posso garantir é que tudo isto me parece um modo singular de ser applaudido.

— Defeitos do nosso povo.

— Esses defeitos não os censurará por certo o doutor Lucio.

— Victoria! — pensou, jubilosa, Dolores. — Guilherme principia a ter ciumes de Lucio e Carmen a corresponder-lhe.

Expansivo sorriso illuminara-lhe o semblante que o moço admirava, mas cujo sentido de expressão não podia bem comprehender.

Depois de curta pausa, e quando já preludiavam os instrumentistas na orchestra, Carmen sentio morder-lhe a bossa principal dos cerebros femininos, a da curiosidade mais incisiva.

— Diga-me, Guilherme perguntou, em tom de voz soberana e como quem não abmittia hesitação na resposta: Como veio a saber de todas essas particularidades que nos communicou?

— Se me promettem segredo.

O amor proprio da oriental revoltou-se. Não respondeu; contentou-se em sustentar, impassivel, o olhar interrogativo que lhe dirigia Guilherme.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

NA ENTREVISTA

Choras. Teu pranto é como o orvalho brando
Sobre o calix alvissimo de um lyrio;
As lagrimas são pingos quaes de um cyrio
Que dos teus olhos tristes vão tombando.

Sorris. Teu riso é como o sol brilhando
A devassar a terra, o mar e o Empyrio;
Cada risada espanca esse martyrio
Que quando ausente vou por ti penando.

Cantas. Tua voz em céleres adejos
Pela amplidão immensa dos espaços
Sonora espalha olympicos harpejos.

Sorris mal chego e lanço-me em teus braços ;
Cantas commigo a musica dos beijos
E choras entre os ultimos abraços.

ANTONIO LIMA.

THEATROS

LYRICO. — Os horizontes da Guarda-Velha andaram, ao que parece, muito entroviscadados; dizia-se que a bella representação do *Falstaff*, realisada na quarta-feira, seria o ultimo espectáculo da companhia Ducci. Felizmente o tempo serenou, hontem houve espectáculo com os *Puritinos* e a *Cavalleria rusticana*, e segunda-feira apparecerá, radiante, o *Lohengrin*, de Wagner, uma opera illustre, que naturalmente ouviremos em 1893 com mais satisfação do que o fizemos em 1883.

*

S. PEDRO. — A companhia portugueza do theatro D. Maria, que tem dado algumas das peças já exhibidas antes da sua estada em S. Paulo, representou hontem, em beneficio de João Rosa, o *Alfageme de Santarem*, de Almeida Garrett. Sobre tão importanfe acontecimento artistico e litterario fallaremos no proximo numero do *Album*.

*

LUCINDA. — Uma comedia nova, o *Primeiro marido de França*, escripta por Albin Vallabrègue, o autor das *Tres mulheres para um marido* e de tantas outras peças engraçadas, e traduzida, muito mal traduzida, pelo actor Guilherme da Silveira, que se mettu agora o tocar rabeção. O *Primeiro marido de França* pertence á escola do quiproquó, fundada por Hannequin.

As peças d'essa escola têm o defeito de se parecerem muito umas com as outras. Esta, porém, tem uma scena, uma scena só, que vale uma peça inteira :

Dous sujeitos maduros *protegem* a mesma *cocotte*, e cada qual imagina ser o unico.. Por acaso encontram-se ambos, na casa d'ella, em presença um do outro. Ella, que a sabe toda, não se desconcerta e, com um gesto vago, sem olhar para nenhum, apresenta-os, dizendo: — Meu pae. E cada um dos *protectores* suppõe estar diante do seu sogro... torto.

A situação é nova e não póde ser mais comica. Infelizmente o actor Fonseca estragou-a completamente, caracterisando-se de maneira a não poder passar por pae da actriz Clementina, que fazia a *cocotte*.

Maia, um dos nossos actores mais conscienciosos, estava deslocado no seu papel de rapaz, e Balbina representou com demasiada exuberancia um interessante papel de sogra.

As honras da noite couberam ao empresario, ao Peixoto, que é sempre o Peixoto, e desenhou com muita habilidade o papel de um velho hypocrita, marido infiel, que passa aos olhos de sua mulher— a Balbina—pelo primeiro marido de França.

Se querem assistir á representação de uma comedia engenhosa, e ás engraçadas attribuições de um marido patusco, vão ao Lucinda.

*

POLYTHEAMA. — A companhia Tomba é infatigavel. Que bello exemplo para as companhias indigenas, de ordinario tão preguiçosas!

Depois da *Linda de Chamounix*, de Donizetti, que foi mais um triumpho para a Tettrazzini, tivemos a *Gran-via*, de Chueca e Valverde, representada e cantada em hespanhol, e ante-hontem o *Boccacio*, de Suppé.

*

Nos outros theatros nada de novo: no Apollo parece firmar-se o *successo* de *Abacaxi*!; o Recreio explora o seu velho, opulento e eclectico repertorio; a Phenix insiste com o *Periquito* e o *Capadocio*, esquecendo-se das *Furias de amor*; o Sant'Anna prepara-se para dar a *Mascotte*; o Variedades vae se dando ás mil maravilhas com os *Talismans de Pertimpimpim*.

Esta magica deu logar a uma questão muito engraçada e muito caracteristica: quatro ou cinco individuos disputam-se a autoria da peça, e os nomes dos verdadeiros autores — Cogniard e Clairville — não apparecem na contenda!

X. Y. Z.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.